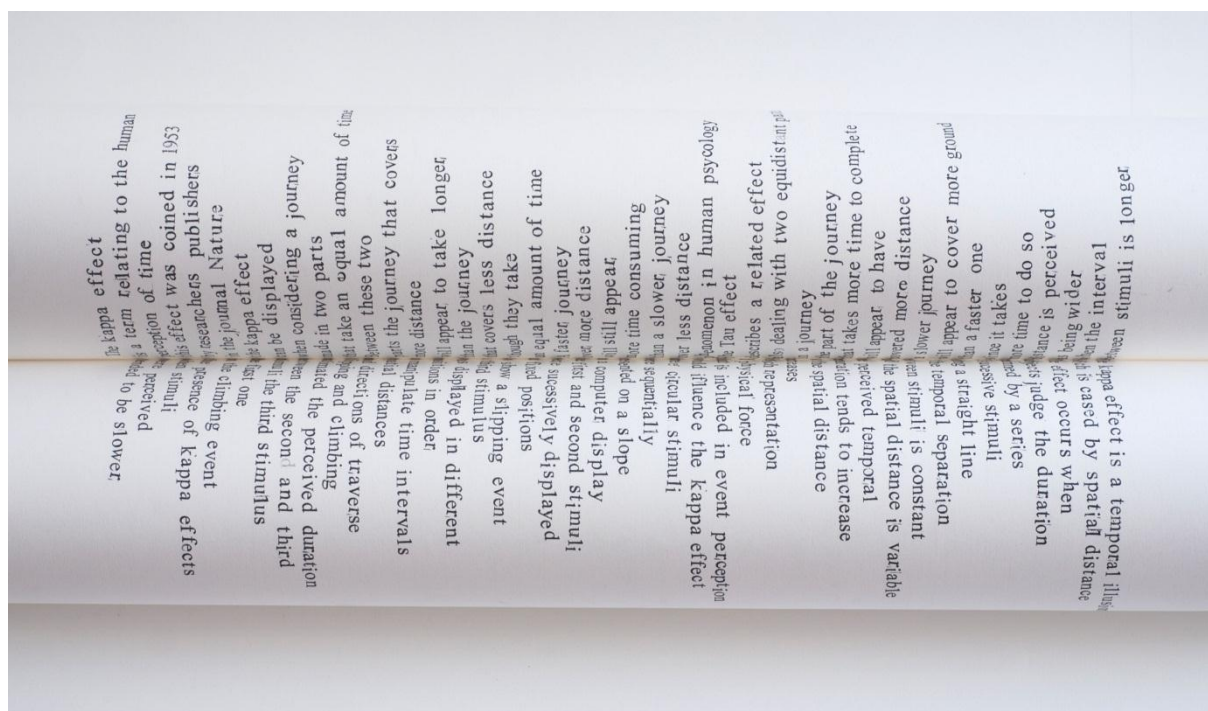


CAROLINE PAGÈS GALLERY // PRÓXIMA EXPOSIÇÃO



© Mafalda Santos, 2011

Mafalda Santos

The Kappa Effect

8 de Junho – 17 de Setembro, 2011

Inauguração Quarta-feira dia 8 de Junho às 22h

Caroline Pagès Gallery

Rua Tenente Ferreira Durão, 12-1º Dto.

[Campo de Ourique]

1350-315 Lisboa, Portugal

Tel. [+351] 21 387 33 76

Tm. [+351] 91 679 56 97

gallery@carolinepages.com

www.carolinepages.com

Aberto ao público de 2ª a Sábado das 15h às 20h e por marcação fora deste horário.

A Galeria Caroline Pagès tem o prazer de apresentar uma exposição individual da artista Mafalda Santos pela primeira vez na galeria.

"...As I write these words, even so as to be able to write them, I am pretending to a unity that, deep inside myself, I know now does not exist."

William Hamilton

O tema das redes, da organização da informação, o ensaio visual sobre realidades tão diversas como as correlações entre agentes culturais, elementos de uma bibliografia ou

eventos específicos são o objecto recorrente do trabalho de Mafalda Santos. Acompanhando o seu percurso podemos aperceber-nos do desenvolvimento de uma pesquisa tornada progressivamente mais complexa, os contornos da qual são já visíveis na exposição individual que apresenta em 2004, no espaço PÊSSEGOpráSEMANA, um dos palcos da cena alternativa do Porto entre 2000 e 2007, de que também era programadora. Em *Blackboard* (2004), a artista avança para a representação das redes através da organização dos nomes dos seus actores, trabalho que continuará a desenvolver em *Ambiente de Trabalho*, realizado no âmbito do projecto Terminal (Fundição de Oeiras, 2005), e em *Maze* (Museu de Arte Contemporânea de Elvas, 2009). Em *Too Loud a Solitude* (Mad Woman in the Attic, Porto, 2006) parte para a exploração de uma bibliografia emocional, reprodução de uma estrutura mental que pode ser identificada com um processo de aprendizagem. Em 2009, ainda nesta linha, apresenta *One day every wall will fall* (Galeria Presença, Porto) onde relaciona factos políticos com exposições internacionais realizadas depois da queda do Muro de Berlim.

The Kappa Effect, exposição produzida para a Caroline Pagès Gallery, surge como a continuidade deste processo e especialmente ligada ao trabalho apresentado em 2010 sob o título *The Great Unconformity* (Sala do Veadó, Lisboa), onde Mafalda Santos problematizava os processos de inscrição na construção das narrativas. No trabalho agora apresentado, a artista alarga o escopo desta problemática à natureza da percepção. Se o erro, o desvio e a omissão têm um papel fundamental na construção da nossa história, devemos também armar-nos contra os limites e desvios inerentes à forma como os nossos processos cognitivos codificam o mundo. Se na primeira exposição se discutia a memória, agora, em *The Kappa Effect* o problema central é a percepção. A série de pinturas em acrílico, com formas evocando íris, denuncia esta intenção e sugere a ideia de um movimento concêntrico – definindo o lugar da linguagem, tal teatro cartesiano. Face a esta centralidade, somos obrigados a articular a ideia do eu, logo contrariada pelas instalações na parede (desenhos de papel), contraponto à nossa intuição, apresentando amostras de tempo dobrado sobre si próprio. Estes desenhos não sugerem uma centralidade, antes propõem a ideia de um sistema orgânico, convoluto, que não se pode tocar porque é, ele próprio, participado por todos os seus elementos. A referência a *Tales of Space and Time*, contos de H.G. Wells no interior dos quais tempo e espaço se dobram – e onde podemos encontrar pontes fantásticas entre um antiquário londrino e uma torre marciana – representa a habilidade transformadora dos nossos sistemas cognitivos, que têm em si a chave do tempo e são capazes de alterar a estrutura do espaço.

Afinal, não há uma história nossa – nós somos a nossa história. Todos estes processos – e aqui incluímos o erro, o revisionismo, a omissão, a amnésia e o engano – são elementos de um corpo e colaboram na construção de um sistema competitivo que chega a nós na ideia do eu. A progressiva detecção de todos estes erros, falhas e desvios, constituem um primeiro conjunto de pistas que, nos últimos 50 anos, começaram a sugerir que a unidade do eu (*self*) seria uma ilusão imposta pela linguagem e permitiram começar a desmontar a noção de teatro cartesiano, um lugar no cérebro onde a consciência se formaria. Aparentemente, tudo é mais complexo, e “eu” não serei mais do que uma ressonância – milhões de operações simultâneas, participadas por um número incomensurável de funções, muitas vezes em conflito, sobrepostas, redundantes, dobradas sobre si.

Com “The Kappa Effect” Mafalda Santos salta da inconformidade, da falha no registo ou memória, para os problemas directos da percepção. Apesar de apreendermos o tempo como contínuo e indivisível, nos processos que organizam e dão origem ao fenómeno da consciência contam-se inúmeros casos de “negociações intertemporais”, sobreposições entre eventos passados e futuros que nos impedem o acesso a uma cronologia exacta da sequência dos eventos em que participamos. O termo *efeito kappa* diz respeito a um fenómeno que pode ser observado considerando, por exemplo, uma viagem feita em duas partes com a mesma duração. Entre estas duas partes, a que compreender mais

distância será sempre percebida como a mais morosa. Na sugestão de uma viagem, a artista apresenta propostas sensíveis, focando-se nas deformações com que percebemos e concebemos o tempo e o espaço. A ideia de narrativa oferece-se enrolada. Como estruturas conscientes entre o tempo linear e aquele que entendemos, estamos limitados às restrições do segundo.

José Roseira, Maio de 2011

Mafalda Santos (Porto 1980) é licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes do Porto. Entre 2007 e 2008 foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, na residência artística Location One, em Nova Iorque.

Na última década tem participado regularmente em diversas exposições colectivas, entre as quais se destacam: *Transporto Sempre uma Viagem*, Galeria Quadrum, Lisboa, 2011; *A Culpa Não é Minha*, Obras da Colecção António Cachola, com curadoria de Eric Corne, Museu Colecção Berardo, Lisboa, 2010; *O Dia Pela Noite*, com curadoria de Susana Pomba, Lux Frágil, Lisboa, 2010; *A Escolha da Crítica*, com curadoria de Lúcia Afonso, Plataforma Revolver, Lisboa, 2009; *Hospitalidade*, com curadoria de Miguel von Hafe Pérez, Hospital de São João, Porto, 2009; *Only Connect*, com curadoria de Cecilia Alemani (Art in General), Bloomberg Office Building, Nova Iorque, 2008; *Café Portugal*, com curadoria de Filipa Oliveira, em Évora, Bratislava e Ponte Delgada, 2008/2009; *Portugal Agora-A Propos des Lieux d'Origine*, MUDAM Centre d'Art Moderne Grand-Duc Jean, Luxemburgo, 2007; *EDP Novos Artistas*, Porto, 2007; *Depósito-Apontamentos sobre Densidade e Conhecimento*, Reitoria da Universidade do Porto, 2007; *7/10-7 artistas ao 10º mês*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2005 e *Toxic-o Discurso do Excesso*, Fundação de Oeiras, 2005.

Individualmente expõe: *The Great Unconformity*, Sala do Veador, Museu de História Natural, Lisboa, 2010; *One day every wall will fall*, Galeria Presença, Porto, 2009; *Tamatave*, Galeria Presença, Lisboa, 2006 e *Too Loud a Solitude*, Mad Woman in the Attic, Porto, 2006.

O seu trabalho encontra-se incluído nas colecções portuguesas de António Cachola, das Fundações EDP e Ilídio Pinho, e do Grupo RAR.

Apoio:

